

PLANTAS DE PODER NA NAÇÃO TUTUMBAIÊ: O CASO DO TABACO

Marjorie Edyanez dos Santos Göttert

Introdução

Esse artigo partiu do Trabalho de Conclusão de Graduação intitulado *Plantas de Poder na Nação Tutumbaiê* de minha autoria, onde estudei o tema do universo das plantas de poder tendo por agentes os integrantes do grupo da Nação Tutumbaiê em Itaara, dentro do período das últimas décadas do século XX até o momento presente. Dentre as plantas de poder esse estudo focou-se no tabaco devido à importância dada a ele pelo grupo pesquisado. O recorte temporal escolhido refere-se ao surgimento de um movimento de retomada das chamadas “medicinas alternativas”, onde vai estar inserida a medicina tradicional indígena, e do surgimento de grupos no Brasil dentro dessa perspectiva, onde se pode inserir a criação do grupo da Nação Tutumbaiê.

Tratando-se das culturas indígenas, vamos encontrar em sua essência a tradição da oralidade, onde uma cultura ou um saber é passado de geração para geração, dessa forma, utilizou-se para o presente estudo a metodologia da História Oral e, portanto, foi dada uma importância central às fontes orais aqui analisadas.

Essas fontes foram produzidas a partir de entrevistas realizadas com o Sr. Orestes Teixeira Filho, líder da Nação Tutumbaiê, que nos forneceu duas entrevistas, e com uma integrante do mesmo grupo, Paula Barbosa, que nos forneceu uma entrevista, sendo esses seus nomes reais. Tais entrevistas foram gravadas e transcritas de tal forma a produzir fontes escritas. Após isso, realizou-se o trabalho de textualização das mesmas, a fim de torná-las mais legíveis, mas sem alterar o seu sentido; e, por fim, desenvolveu-se a sua análise. A análise das entrevistas partiu dos elementos mais relevantes para esta pesquisa, como de medicina, de cura, de cultura e de comunidade, bem como a relação desse discurso com a cultura contemporânea, buscando entender como ele se articula com a mesma.

Por História Oral vamos nos utilizar da compreensão dos autores Meihy e Holanda (2007, p. 15), para quem a “História Oral é um conjunto de procedimentos, que se inicia com a elaboração de um projeto”, e que vai ser desenvolvida com a escolha de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. E, segundo a autora, é óbvia a relação da História Oral com os agentes que não detêm ou não podem sustentar o código escrito, o que podemos relacionar com a cultura indígena em questão. Sendo também sua importância atribuída ao fato de dar voz aos excluídos, a história vista de baixo, ou seja, por aqueles que historicamente não foram

ouvidos, pois não compunham o grupo responsável pela cultura escrita hegemônica, bem como tiveram a sua cultura oral desvalorizada.

Ainda de acordo com Meihy e Holanda, o que vai marcar a moderna História Oral não vai ser o simples fato do uso de entrevistas e a busca pela sua compreensão e, sim, um compromisso com a transformação que deve estar presente em todas as fases de execução da história oral. Ou seja, a importância da análise e de como a mesma é feita, procurando ler nas entrelinhas, ou seja, perceber o que a entrevista nos diz para além das palavras que estão sendo ditas.

Breve história de Orestes e a fundação da Nação Tutumbaiê

Orestes Teixeira Filho nasceu em 1962, na cidade de Santana do Livramento, município fronteiro do Brasil com o Uruguai, onde permaneceu até a sua vida adulta. Sobre a sua infância é importante apontarmos que foram importantes as questões religiosas, sendo que a sua família materna estava ligada a tradição religiosa da Igreja Protestante Anglicana, e que o Orestes via o seu avô, na ausência do pastor, conduzir a cerimônia religiosa na capela da comunidade rural onde moravam. Lopes (2014, p. 35) indica ainda que, através das fontes orais recolhidas, é possível perceber que havia na família de Orestes uma aceitação em relação a outras crenças religiosas. Sobre isso diz Lopes:

Isso contribuiu para que ele fosse construindo, desde criança, uma moral de respeito pelas diversas religiões e crenças. A oportunidade de escolha religiosa que lhe foi conferida na infância favoreceu para que ele desenvolvesse um senso de liberdade para conhecer diferentes culturas espirituais. Esses fatores foram importantes para a posterior fundação da Nação Tutumbaiê, pois, como veremos adiante, permitiram que o Sr. Orestes entrasse em contato com várias culturas religiosas ao longo de sua vida, além de conhecer e estudar diferentes correntes espiritualistas, muitas das quais foram reelaboradas na constituição do grupo aqui estudado.

Já na sua adolescência, Orestes passa a se sentir sensibilizado para a arte, sendo sua grande influência e de imensa importância na sua vida Osmar Santos, professor uruguaio que lhe deu aulas de desenho e pintura. A partir daí, Orestes passou também a desenvolver o gosto pela música clássica e aos 19 anos passou a estudar música e instrumentos musicais como a flauta transversal e o violão. Aos 22 anos, Orestes muda-se para Buenos Aires para estudar dança. Tal envolvimento com a arte e o gosto de Orestes pela mesma será tão essencial na sua vida, que mais tarde irá ter influência direta sobre a Nação Tutumbaiê, onde cada membro será incentivado a descobrir a sua arte, sendo o próprio Orestes um de seus principais

professores. E ainda, as formas de arte desenvolvidas na Nação Tutumbaiê serão percebidas como estudos de autoconhecimento, bem como práticas de cura.

Através da sua busca pela dança, Orestes conheceu a Antiginástica, movimento de técnicas corporais, desenvolvido pela francesa Thérèse Bertherat, que traz como central a consciência corporal, considerando a integralidade do corpo em oposição aos exercícios que trabalham partes isoladas do corpo. A partir dessa percepção consciente do corpo e pondo-se em movimento através da dança, Orestes foi despertado para a questão “energética”, ou seja, para o que acontecia além do que os seus olhos podiam ver. Sobre isso Lopes (2014, p. 36) vai dizer:

Diz acreditar que através da dança é possível sentir energias, as energias do corpo em movimento, e que essas energias fazem parte da alma; então, através da dança, podemos sentir a alma. Mas para ele, aquela percepção energética adquirida com a antiginástica ainda não estava relacionada à espiritualidade, mas foi o que o direcionou a uma interiorização, ou melhor, a auto-observação, e através disso ele passou a se interessar por autoconhecimento e a estudar diversas teorias que abordam esse tema.

Aos 25 anos, Orestes passou a ter aulas de astrologia, de psicologia transpessoal, principalmente relacionada a Carl Jung, e da psicologia do Quarto Caminho com o professor teósofo León Azulay, o qual lhe ministrou aulas por seis anos. Além das aulas Orestes passou a desenvolver uma disciplina de auto-observação e de estudo dos seus sonhos baseada nesses estudos de autoconhecimento, percebendo ao longo desses anos a eficiência de tais estudos.

Desses estudos, deve-se pontuar que o estudo do Quarto Caminho é até hoje uma prática desenvolvida pelos membros da Nação Tutumbaiê, através de um grupo de estudos semanal sobre o mesmo, além de ser imensamente incentivado o estudo individual de cada um. O Quarto Caminho foi desenvolvido pelo armênio George Ivanovich Gurdjieff (1886-1949), e segundo seu discípulo Ouspensky (2003) é um sistema de autoconhecimento proveniente de idéias de diversas doutrinas esotéricas que proporciona métodos de “estudo de si mesmo”, onde o principal método de estudo de si mesmo é a “observação de si”. Além disso, é importante frisar que o autoconhecimento é entendido por Orestes e pela Nação Tutumbaiê como um dos principais pilares do desenvolvimento humano e de uma verdadeira humanidade.

Nos nove anos que passou morando em Buenos Aires, Orestes também aprendeu a arte da yoga da qual se tornou professor. A yoga também se tornou uma prática entre os membros da Nação Tutumbaiê.

Em 1994, Orestes partiu da capital Argentina para uma viagem pela América com os pés descalços, diretamente influenciado por Maria Guadalupe de Dios, que ele conhecera na Argentina. Maria era mexicana e professora de danças indígenas e danças de teatro e viajava pela América como andarilha com os pés descalços realizando oficinas de danças e ensinando técnicas de sustentabilidade.

E foi através de Maria que Orestes conheceu Aurélio Dias Tekpankalli, indígena mexicano que marcou sua vida e o conduziu a sua primeira experiência espiritual na Bolívia com uma planta de poder: a mesalina. É importante para essa pesquisa considerar a cerca de Tekpankalli que ele é um grande expoente da expansão do Caminho Vermelho pela América e pelo mundo. Sendo o criador do Fogo Sagrado de Itzachilatlan, dissidência da Igreja Nativa Americana, sendo uma grande influência para a Nação Tutumbaiê, por exemplo, sobre a sua concepção das plantas de poder. Seguindo Lopes (2014, p. 38): “Esse encontro foi muito importante para Orestes. Nas palavras de Orestes “[...] lá foi onde abriu realmente a minha caminhada, que era a espiritualidade dentro da linha xamânica.””.

Ainda no ano de 1994, agora na Colômbia, Orestes vai vivenciar pela primeira vez uma experiência com a ayahuasca, bebida feita de duas plantas de poder de origem amazônica. Essa bebida é considerada extremamente sagrada bem como o seu uso ritualístico, muito presente nas culturas indígenas da região amazônica. E, também, essa medicina vai ser a base fundamental da Doutrina do Santo Daime, fundada pelo Mestre Raimundo Irineu Serra e seguida pela Nação Tutumbaiê, estando presente em todas as cerimônias da Nação Tutumbaiê como medicina central.

E será neste mesmo ano, em Cáli, uma montanha na Colômbia, que Orestes e Mharta Helena González, antropóloga com quem o Sr. Orestes se casou, realizaram uma cerimônia de orações e cantos com a ayahuasca, e Orestes foi recebendo as instruções para a fundação do Círculo dos Poetas da Luz, nas palavras de Lopes (2014, p. 38): “uma organização com a proposta de realizar um trabalho espiritual, que posteriormente deu origem a Nação Tutumbaiê”.

A Nação Tutumbaiê, Centro de Medicinas Sagradas da Mãe Terra e do Pai Sol, Aldeia da Paz e Círculo dos Poetas da Luz se instala no ano de 2005 em Itaara, Rio Grande do Sul. As pessoas que constituem e frequentam assiduamente a mesma somam-se em torno de umas 50 pessoas. Dessas 50 pessoas, um grupo de cerca de 12 pessoas formam o núcleo de moradores da Nação Tutumbaiê, entre esses está o Sr. Orestes Teixeira Filho. A mesma se fundamenta em ideias e preceitos provindos da fundação do Círculo dos Poetas da Luz em 1994, na Colômbia, pelo Sr. Orestes Teixeira Filho.

A Nação Tutumbaiê funciona atualmente como uma casa de cura, uma escola de autoconhecimento e uma comunidade, onde são realizadas cerimônias de cura e cerimônias festivas e, também, de passagem e consagração dos ciclos naturais como solstícios e equinócios, a Busca da Visão, grupos de estudo de autoconhecimento, grupos de estudo de princípios musicais e canto, mutirões e oficinas de permacultura, bem como eventuais festivais e outras atividades.

Segundo o Sr. Orestes Teixeira Filho, em entrevista oral concedida para essa pesquisa em 2014, a tradição do tabaco como planta de poder vai chegar até a Nação Tutumbaiê por duas vias. A primeira sendo através de Aurélio Diaz Tekpankalli e do seu grupo do Fogo Sagrado de Itzachilatlan, que é uma dissidência da Igreja Nativa Americana. A segunda vai ser através das cerimônias realizadas na própria Nação Tutumbaiê, por meio das entidades espirituais que o Sr. Orestes vai chamar na entrevista de “Pretos-Velho” e “caboclos” e que vão nos remeter ao mundo da Umbanda.

A Concepção de Medicina e de Plantas de Poder

Aqui partiremos da análise das entrevistas orais realizadas no ano de 2012 e de 2014 com Orestes Teixeira Filho. A partir dos relatos orais de Orestes Teixeira Filho, encontramos em suas falas uma visão de mundo baseada numa concepção de Caminho Vermelho onde a medicina vai estar no centro dessa visão. Orestes vai se referir a essa concepção de medicina como a *medicina tradicional*, que já teria surgido dentro das culturas antigas, nas *antigas tradições*. Os homens e mulheres-medicina vão ser aqueles que praticam a arte de curar, o que ele relaciona com os médicos da nossa cultura ocidental, e que nós conhecemos mais usualmente por curandeiros, tais curadores possuem toda uma base científica dentro dos preceitos da sua cultura sobre o funcionamento dessa medicina, suas práticas e crenças.

Dentro das culturas antigas, da medicina tradicional, o que hoje os médicos tradicionais chamam de xamãs. Mas essa é uma palavra que não expressa bem o que seria. Primeiramente eram médicos, os médicos das antigas tradições. Na América do Norte usam a palavra “o homem ou mulher medicina”, que seria, traduzindo para a nossa cultura brasileira, o pajé ou o que a gente chama de curandeiro. Na palavra brasileira tem uma conotação negativa, de técnicas menores, não científicas, coisa e tal. Mas na verdade, um pajé, ou homem medicina, mulher medicina, tinha conhecimentos científicos, dentro da cultura dele, que dava o seu resultado.

Podemos perceber, também, a partir da fala acima, que o que se compreende por medicina para o homem ou mulher-medicina, pajé ou curandeiro, é diferente do que o imaginário brasileiro pretende sobre esses práticos e a sua medicina. Sendo que *a palavra brasileira*, segundo Orestes, desvalorizaria tais medicinas, considerando-as como não-científicas. No entanto, é importante perceber que a ciência dentro desse sistema médico indígena não vai ser negada, pelo contrário, vai ser requerida como fundamento dessa concepção de medicina.

E ainda, dentro dessa narrativa, os conceitos de homem e mulher-medicina têm por origem a América do Norte, e tais práticos seriam os “médicos das antigas tradições”. E aqui no Brasil seriam os pajés e curandeiros, sendo que a figura do pajé está totalmente imersa no mundo cultural e social indígena.

Nessas culturas, acredita-se que tudo é e tem medicina, havendo diferentes tipos de medicinas que corresponderiam cada uma a diferentes funções e, também, essas medicinas podem ser extraídas de acordo com processos específicos e ser usadas para a cura. Dentro desse arcabouço de medicinas Orestes dá ênfase às plantas de poder.

Entre as plantas, nas tradições antigas havia que, o conceito de medicina é que tudo é medicina, tudo tem medicina, digamos. O ar, a terra, os seres humanos tem medicina, a medicina de cada elemento, de cada ser, tem uma função, e também precisa de certos processos para ser extraída essa medicina. Alguns seres da natureza, no caso os que são chamados plantas de poder, tem uma função muito elevada na evolução humana. Elas estão ligadas, ao que podemos chamar na nossa linguagem ocidental, a evolução espiritual. Esse conceito de espiritual para o indígena não tem muito sentido, para eles tudo é espírito, tudo é espiritual. Mas, no nosso entender seria aquilo que está mais conectado com as funções superiores do ser humano.

As plantas de poder possuem uma função muito especial dentro dessa concepção de mundo, que estaria relacionada ao que Orestes traduz para a nossa linguagem ocidental como *evolução espiritual*, ou o que está ligado as *funções superiores do ser humano*, faz parte da função dessas plantas ajudar no desenvolvimento da humanidade, na sua “evolução espiritual”, portanto. Tais conceitos recém citados nos permitem ver na narrativa de Orestes a apropriação de explicações e termos espíritas e esotéricos, o que de fato contribuem para uma explicação de concepções de mundo distantes, mas que se relacionam como é, também, a concepção da cultura ocidental e a da tradição indígena.

Podemos perceber essas traduções, por assim dizer, de elementos do mundo indígena que não teriam tradução literal para a linguagem ocidental, devido a possuir representações

muito diferentes, um esforço que Orestes vê como necessário para a compreensão e a apropriação dessas concepções indígenas pelo nosso mundo ocidental que em muito parece ter se distanciado das mesmas.

Voltando para a concepção de plantas de poder, Orestes vai pontuar que há uma diferença na essência entre substâncias químicas e plantas de poder, o que vai se dar pelo elemento em si, bem como pela forma em que serão preparadas e para o fim que serão aplicadas.

...mas a planta ela é diferente do que uma substância química, por exemplo, o LSD não é a mesma coisa que um cogumelo, o cogumelo além de ter o LSD ele tem outros elementos sutis que a ciência não consegue tirar, não consegue extrair. Não é a mesma coisa tomar um LSD e trabalhar com o cogumelo. O indígena trabalha dentro de um plano espiritual, quando se usa uma planta de poder, ele faz o que para nós teria sentido como rezar, reza para a planta, canta, porque ele tem uma comunicação com um ser espiritual, um mestre. Enquanto para um homem ocidental não tem muito sentido, ele vai se sentir estranho. Se tu toma uma planta, tu pode entrar em contato com o espírito dessa planta, para os índios ela se manifesta de diferentes maneiras, por exemplo, a ayahuasca se manifesta como uma jibóia, a jibóia branca. O espírito do peyote se manifesta, para os indígenas, como um veado, um cervo pequeno.

Aqui encontramos uma clara dissociação entre a ciência ocidental e a medicina indígena, além de uma clara associação entre a medicina indígena ou tradicional e o plano espiritual. Para Orestes há elementos *sutis* que a ciência não é capaz de extrair, o que vai diferenciar essa ciência da medicina indígena em que esse elemento sutil parece ter sua importância evidenciada, tendo por sutil um elemento extra-físico. Para essa concepção indígena a planta estará intimamente relacionada a um ser espiritual, que será considerado um mestre dentro dessa cosmovisão. Fica pontuado aqui que o trabalho medicinal do indígena partirá do plano espiritual e, também, compreende elementos como rezas e cantos.

Para esse entendimento de medicina, a cura vai estar presente dentro do próprio corpo de cada um, e a medicina vinda de fora, como por exemplo, através de uma planta, teria a função de recordar o organismo daquela lembrança esquecida que é justamente o que gerou o desequilíbrio do organismo. Portanto, a cura neste sistema está dentro e não fora do ser humano.

Então, cada coisa cumpre uma função dentro daquele todo. As plantas de poder cumprem uma função muito central, o tabaco, a ayahuasca, os cogumelos, e principalmente conectados com a cura, numa forma mais holística em que tu pode tomar, por exemplo, uma massanilha e trabalhar curando o teu sistema digestivo, ou tomar um boldo para o fígado. No meu

estudo eu vejo que isso tem haver com o fato de que as plantas contém informações, que estão relacionadas com a molécula, com a medicina da planta, informações que dizem ao nosso corpo, recordam ao nosso corpo que originalmente ele vem da evolução do que é o mundo vegetal. [...] Então o mundo humano tem tudo isso dos animais, tudo que a natureza preparou, mas quando o corpo está fora dele, sai da saúde dele, é porque alguma dessas funções ficou esquecida. Então, ao tomar uma planta, não é a química da planta, nem a quantidade, um pouquinho, uma certa quantidade vai despertar no teu corpo a memória daquela função. Por exemplo, um boldo deve ter uma informação que faz com que o fígado volte a recobrar o seu funcionamento.

O termo *holístico* usado por Orestes refere-se a uma compreensão em que tudo está interligado, onde há uma relação extremamente coerente entre os seres humanos, os animais, as plantas e toda a natureza e que, portanto, todo o organismo teria todas as condições propícias para estar em estado de saúde. Estar doente dentro dessa concepção é estar fora da harmonia do mundo humano, é ter esquecido alguma das funções naturais do organismo. As plantas e os animais cumprem dentro desse sistema essa função, de recordar o organismo humano do seu estado de saúde, de equilíbrio.

As plantas de poder, então, vão ser consideradas dentro desse sistema como grandes mestras, professoras e aliadas dos seres humanos cumprindo papel central dentro das *culturas tradicionais* dos indígenas que terão como campo experimental a sua relação com a natureza.

Então, uma planta de poder é uma planta professora que cumpre um papel central nas culturas, nas culturas tradicionais. Aqui no sul, por exemplo, a mama coca se chama *epadu*, eu sei que havia aqui nessa região a *epadu*, alguém me mostrou uma planta de *epadu* aqui por Santa Maria, ela foi extinta. Nós conhecemos ainda, o que nós tomamos hoje como erva-mate, ela tinha uma função provavelmente muito parecida com a mama coca, de despertar e manter o sistema nervoso mais alerta. É muito importante para o indígena isso, já que ele vivia na natureza, e ele não tinha as aptidões que tem os animais, nem nariz, nem olfato. Então, as plantas, davam a ele as aptidões, permitiam a ele entrar nesse plano para a sobrevivência, por isso hoje está se retomando.

É importante observamos nessa fala que Orestes apresenta que a nossa cultura ocidental e urbana de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, também se relaciona com as plantas de poder, como é o caso do amplo uso da erva-mate pela população do município. E também, que parece acreditar que há um movimento de retorno a essas plantas, movimento no qual comunidade e casas similares a Nação Tutumbaiê, bem como a mesma, parece estar a frente.

A Consagração do Tabaco e a Construção da Cultura

Seguindo com a análise das entrevistas, dentro da narrativa de Orestes, verificamos que o tabaco estará intimamente relacionado a construção da cultura e ao Caminho Vermelho, sendo imensamente significativo em todas as culturas americanas.

Nessa cultura, é onde surge uma das primeiras e mais antigas plantas, dentro das culturas indígenas que se fala do tabaco, um aliado, dentro das plantas, da cura e da evolução humana, e para um indígena na viagem, no que chamam de Caminho Vermelho. Toda América tem essa planta, na América do Norte teria sido apresentado para os Lakota, os Sioux, pela mulher Búfalo Branco, que trouxe a Cerimônia da Chanupa, aquela pipa grande, a pipa da paz.

Ao ser questionado sobre o que seria a consagração do tabaco, Orestes Teixeira Filho diferenciou duas formas de utilização dessa planta, provindo dos conhecimentos da tradição indígena. Uma seria a da consagração que ele relaciona com as palavras “lado divino” em que a planta teria a função de fornecer ajuda; e a outra seria o “uso” por si só, relacionada a palavras de “lado demoníaco” onde a planta acabaria por gerar doenças.

Por outro lado, eles nos falaram de que as plantas de poder, também, têm dois lados, dois aspectos, para nós traduzindo seria no nosso idioma ocidental, o lado divino e o lado demoníaco. O lado demoníaco é o guardião da planta. Por exemplo, o tabaco, se tu trabalhar com ele dentro de um contexto mais profundo, tu vai estar trabalhando com a divindade dele, ele vai te ajudar. Se tu não trabalhar com ele, se tu usar ele de outra maneira, se tu usar o tabaco, se diz que invoca o demônio da planta, quer dizer, o guardião, então, aí, termina provocando doenças.

É interessante percebermos que há uma grande preocupação dentro da narrativa de Orestes sobre o mau uso das plantas, sendo que ele dá mais de um exemplo de diferenciação da consagração das plantas dentro de uma tradição e o mau uso das plantas aparentemente muito presente na cultura ocidental. Esse mau uso também estaria relacionado a geração de doenças, como fica dito acima, o que parece ser um problema atual dentro da sociedade contemporânea. Sobre isso:

Mesma coisa, por exemplo, a maconha, a cannabis, as pessoas utilizam de uma forma diferente do que utiliza um sábio lá na Índia. O sábio fuma haxixe, e entra no seu estado de samadi, as pessoas aqui fumam para estar num estado que nós chamamos de drogar-se.

Podemos dizer ainda que essa preocupação é evidente, pois dentro dessa concepção de mundo que viemos desenvolvendo até agora, a forma com que nos relacionamos com essas plantas está em total relação com a forma com que criamos a nossa cultura, uma vez que as plantas de poder são grandes “professoras da cultura”. E ainda:

Então, o índio me disse assim: o homem branco, ele fica no efeito das plantas de poder, mas não entra no poder, então ele diferenciava isso. Uma coisa é estar no poder, outra coisa é estar no efeito.

Aqui fica evidente que esse mau uso está relacionado ao mundo do “homem branco”, sendo que a palavra “poder” tem relação com o mundo da tradição indígena, com o Caminho Vermelho e teria um significado diferente do que tem para a cultura ocidental, fazendo jus a uma conotação de respeito e verdade em relação ao sagrado.

Então, consagrar tabaco é como se aproximar realmente a um ser vivo. A forma de colher a planta, o cultivo, é diferente, tu vai entrar em contato com o ancião. Se diz que o Avô tabaco é o primeiro ancião, que abre os caminhos para as outras plantas. Então, consagrar o tabaco é entrar em contato com esse ancião, exatamente como se entra em contato com uma professora, uma mestra, entrar em contato com o espírito, pedindo a ele que te ajude no caminho do estudo, da aprendizagem, da consciência. Enquanto eu usar o tabaco nós já sabemos, o uso é feito por uma mentalidade que a nossa sociedade chegou onde as coisas são apenas coisas. Tudo passou a ser uma coisa. Então, isso levou o ser humano a ter a natureza como uma reserva de recursos materiais.

Fica claro na narrativa de Orestes que a consagração do tabaco é evidenciada no seu valor em relação a cultura que a mesma vai contribuir para nortear enquanto professora, sendo que essa cultura será uma guia para a forma com que os seres humanos vão se relacionar entre si e com a natureza. E em relação a sociedade contemporânea ocidental, fica claro a sua preocupação com o mau uso das plantas e o rumo que toma essa cultura no que se refere a uma aparente percepção restrita ao plano material, o que ficaria explícito nas suas palavras “...uma mentalidade que a nossa sociedade chegou onde as coisas são apenas coisas.” Ditas acima.

O Tabaco e A Comunidade

Seguindo a análise das entrevistas realizadas com Orestes, passaremos agora a concepção de comunidade, uma vez que Orestes juntamente com outros é morador da Nação Tutumbaiê, local e, também, comunidade em que se correlacionam as práticas provindas da

narrativa desenvolvida até agora. Aqui iremos perceber que o tabaco também está intimamente relacionado com a comunidade, sendo dada uma importância central ao mesmo:

Antigamente era o centro das relações de uma comunidade, o tabaco. Porque todos conselhos de anciãos, por exemplo, se fazia através do tabaco. Os contatos, casamentos, orações, tudo era feito com o tabaco que estava presente em tudo. Era com ele que a pessoa estabelecia tudo. O casamento que era um dos principais sacramentos dessas culturas era feito com tabaco. Deixou-se o tabaco de lado, mas o diálogo e o conselho seguem importantes. No entanto, para a gente que retoma essas culturas, o tabaco é muito importante.

Podemos perceber nas palavras acima que existe uma ideia de que o tabaco perdeu a sua função para muitos grupos, e também, que o grupo de que se fala a Nação Tutumbaiê, referida na palavra *para a gente* movimenta-se no sentido de retomada dessas tradições como é a das plantas de poder e a do tabaco.

A consagração do tabaco dentro da comunidade da Nação Tutumbaiê vai estar relacionada a *um estado de consciência mais integrado* ligado a uma compreensão de *nível mais profundo*, onde se releva elementos como os *seres divinos, a terra e todos os seres*, o que nos remete a uma concepção para além do nível material, onde se entraria num estado mais espiritualizado e/ou sagrado. E também há a evidência ao “compromisso pela paz”, tido como o elemento principal da comunidade. Como será dito abaixo:

Por exemplo, quando tem discordância dentro da comunidade, em vez de se falar da forma como todo mundo fala, uma reunião, se faz uma reunião de tabaco com cachimbo. Se abre a reunião com cachimbo e reza pedindo uma maior conexão com os seres divinos, com a terra, com todos os seres, ou seja, a gente entra num estado de consciência mais integrado, ao entrar nesse estado de consciência já sai um pouco daquele estado da mente falante, que eu me ofendi, já entrou num nível mais profundo. Então aquilo já ordena o estado mental das pessoas, então as pessoas vão começar a refletir. Primeiro passa o cachimbo e faz um compromisso ou renova o seu compromisso pela paz, que é o elemento principal dentro de uma comunidade.

Nessa fala fica clara também a importância dada ao cachimbo, sendo esse um instrumento de poder espiritual central na cultura do Caminho Vermelho e na tradição indígena aqui referida, sendo muito utilizado até hoje por grupos indígenas como é o caso dos guaranis em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e pela Nação Tutumbaiê como aqui relatado. Sobre o cachimbo e o seu significado:

Todas as culturas em geral usavam um tipo de cachimbo. Os guaranis usavam o petingá, um cachimbinho mais pequeno. Os índios da América do Norte, a chanupa. E há outras formas, mas essas são as mais conhecidas. E ele tem aquele forquinho, que no cachimbo é o fogo do sacrifício, onde se coloca as ervas, e é a parte feminina do cachimbo. Porque o cachimbo seria a união do princípio feminino e do princípio masculino. O cabo do cachimbo, o cano, seria a parte masculina, aonde a gente trabalha com o nosso hálito, para acender, para aprender, com o Avô fogo fazer as ervas do sacrifício.

Fica evidente então, a importância do cachimbo dentro da representação de mundo das culturas indígenas, estando relacionado a conhecimentos chave que vão direcionar a cultura que o consagra, como fica claro na sua representação da união do princípio feminino e do princípio masculino. Ainda sobre o cachimbo:

E quem sabe, vai nos salvar de muito, imagine se no Congresso os políticos fizessem o cachimbo da paz e, como faziam os antigos anciões, se comprometessem com a verdade, talvez fosse completamente diferente o governo.

Essa fala evidencia a permanente preocupação de Orestes com a sociedade contemporânea, e coloca a Nação Tutumbaiê em relação com a mesma, dentro de um movimento de retomada das culturas tradicionais, como já expressado antes, com o intuito de despertar da humanidade. Nesse contexto, a Nação Tutumbaiê se coloca como um movimento de experimentação da Nova Humanidade, onde a mesma articula-se dentro e com a sociedade contemporânea e, não, fora dela ou isolada. O que também fica evidenciado na fala de Orestes:

Se tu vai num terreiro de Umbanda o tabaco é parte natural dali, quem sabe com o tempo não vai ser parte da nossa cultura. De qualquer maneira, para quem queira aprender essa tradição e praticar ela, tem um resultado muito lindo, para nós, assim, o tabaco é muito importante.

Considerações Finais

A partir do que foi desenvolvido nessa pesquisa, podemos considerar que a consagração do tabaco como uma planta de poder se constitui como uma tradição de suma importância dentro de um sistema de representação de mundo complexo que pode ser chamado de Xamanismo ou Caminho Vermelho. Estando esses sistemas em relação direta com tradições indígenas que abarcariam uma imensidão de culturas indígenas de todo o continente americano que, por sua vez, teriam a consagração do tabaco como uma tradição

central dentro das suas culturas. E ainda, tais universos vão compreender grupos indígenas, bem como grupos brancos e urbanizados e, ainda, a mescla desses grupos.

Sobre a Nação Tutumbaiê percebemos que a mesma está inserida dentro de um movimento de grupos que passam a surgir a partir de meados do século XX com a intenção de reviver certas tradições culturais, como é o Caminho Vermelho ou o Xamanismo e as medicinas tradicionais indígenas ou, ainda, as práticas alternativas de cura. Essas tradições vão ser reinventadas dentro de um novo contexto, muitas vezes urbano. E ainda, tais movimentos surgem com o objetivo de despertar a humanidade para questões essenciais consideradas esquecidas pela mesma, onde a retomada de culturas alternativas de cura, bem como a espiritualidade e uma visão íntegra do ser humano serão três de algumas linhas constantes dentro desses movimentos.

Ao que nos parece, então, uma das formas que a tradição da consagração do tabaco encontra para se articular frente ao avanço da cultura contemporânea ocidental, se fazendo presente, é através desses grupos que tem por intenção o fortalecimento ou a retomada dessas tradições consideradas por tais grupos de suma importância para toda a humanidade. E também, cabe a nós dizermos que não se trata de um pequeno grupo em um canto do mundo, mas parece ser uma movimentação de crescimento contínuo.

Essa pesquisa também evidenciou que tais grupos como o da Nação Tutumbaiê possuem e vivenciam uma compreensão de medicina amplamente divergente do arcabouço da medicina alopática instituída na sociedade contemporânea, onde a cura se encontra dentro, e não fora, do próprio organismo. Onde a medicina está no centro das relações entre os seres, sendo compartilhada e apropriada por todos, e é o norte da cultura do grupo.

Por fim, gostaria de considerar que esta pesquisa não coloca um ponto final nas questões aqui discutidas e, sim, pretende ser uma contribuição a qualquer estudo que se direcione para essa área das tradições populares e indígenas, bem como de medicina alternativa, ou ainda para a História da Medicina e a História das Religiões.

Referencial Bibliográfico

DIOCIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://200.241.192.6/cgi-bin/houaissnetb.dll>>. Acesso em: 15 out. 2014.

ELIADE, Mircea. *Origens. História e Sentido na Religião*. Lisboa: Edição 70, 1989.

ELIADE, Mircea. *O Xamanismo e as Técnicas Arcaicas do Êxtase*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIADE, Mircea. Tratado de história das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LOPES, Lilian Lemos. A Nação Tutumbaiê e o Uso Ritual da Ayahuasca. Trabalho de Conclusão de Graduação (Licenciado e Bacharel em História). UFSM, Santa Maria, 2014.

LUZ, Madel T. Cultura Contemporânea e Medicinas Alternativas: Novos Paradigmas em Saúde no Fim do Século XX. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n° [15] Suplemento, páginas 145-176, 2005. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/proplamed/files/2012/03/Cultura-Contempor%C3%A2nea.pdf>> Acesso em: 14 de novembro de 2014.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. História Oral; Como fazer, Como pensar. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

OUSPENSKY, P. D. O Quarto Caminho. São Paulo: Editora Pensamento, 2003.

RESSEL, Henrique da Costa. Cerimônias nativas: tradição e inovação no Fogo Sagrado de Itzachilatlan. Tese (Mestrado em Antropologia). Curitiba, 2013.

SOUZA, Ricardo Luiz. O uso de drogas e tabaco em ritos religiosos e na sociedade brasileira: Uma análise comparativa. *Saeculum - Revista de História*, João Pessoa, n° [11], ago./ dez. 2004.

WEBER, Beatriz Teixeira. As artes de curar: Medicina, Religião, Magia e Positivismo na República Rio-Grandense – 1889/1928. Santa Maria: Ed. Da UFSM; Bauru: EDUSC – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WILBERT, J. El significado cultural del uso de tabaco em Sudamérica. 2006. Disponível em: <<http://desde2001.50webs.com/biblodig/bibloarchiv/wilbert1.pdf>> Acesso em: 27 de março de 2014.